

# “Marxismo Cultural”



## “Marxismo Cultural”

---

**Q**uando Regina Duarte foi convidada a assumir a Secretaria de Cultura, em 2020, passou um tempo decidindo se ia ou não para o governo. No dia em que foi a Brasília para conversar com o presidente, compartilhou um vídeo de um ex-participante do Big Brother Brasil chamado Adrilles. No vídeo, Adrilles diz que “marxismo cultural foi criado pela mídia e indústria da arte e povoada por esquerdistas fanáticos” com o objetivo de colocar “negros contra brancos, mulheres contra homens, homossexuais contra heterossexuais”, entre outras barbaridades.

Em artigo publicado no final de 2018, prevendo como seria o governo Bolsonaro, o cientista político Marcos Nobre afirmou que uma “revolta conservadora” estava em curso no Brasil. Com características locais próprias, essa revolta é um desdobramento do processo de reorganização do pensamento de direita que deu origem à fórmula do “marxismo cultural”, muito acionada naquele ano eleitoral e ainda hoje. Junto à “ideologia de gênero” (conferir verbete), o “marxismo cultural” é frequentemente invocado para descrever um suposto projeto de dominação das esquerdas no âmbito cultural, com o objetivo de implantar um regime totalitário. Seu uso está fortemente imbricado com outros termos contidos neste pequeno dicionário. Mas a história da criação e propagação do termo “marxismo cultural” é singular e complexa. Vamos resgatá-la brevemente neste verbete.

### UM MARCO FUNDAMENTAL

Em 2003, foi publicada nos EUA uma brochura organizada por William Lind, figura conhecida do campo ultraconservador, para explicar ao grande público a origem, significados e ameaças do “marxismo cultural”. Os textos associam o repúdio conservador ao “politicamente correto” (conferir verbete), que havia ganhado muita legitimidade política nos EUA, e a outros velhos fantasmas. Sobretudo, juntam muitas pontas soltas do pensamento conservador, que vinha se reorganizando desde os anos 1970, traduzindo suas ideias em uma fórmula simples:

“De onde vêm todas essas coisas que se ouve falar – o feminismo, o movimento gay, as estatísticas inventadas, a história reescrita, as mentiras, os protestos e todo o resto? (...) Nós chamamos isso de discurso “politicamente correto”. É a doença da ideologia... Politicamente correto é igual a marxismo cultural....É marxismo traduzido de termos econômicos para termos culturais”

Esse discurso se organiza em torno da suposição de que o feminismo e a democracia sexual são uma criação marxista. A acusação não é nova, pois foi extensamente usada pelos movimentos fascistas da primeira metade do século XX. Mas, as elaborações da brochura de fato refletem uma novidade: o pensamento

## “Marxismo Cultural”

---

ultraconservador do final do século XX tinha investido muita energia na interpretação e apropriação da chamada revolução cultural. Esse investimento foi nomeado por várias e vários analistas, sobretudo na Europa, como o “giro gramsciano da direita” (conferir verbete "Ideologia").

É bom dizer que William Lind tem vínculos com o Brasil. Ele trabalhou durante décadas com Paul Weyrich que, por sua vez, foi colaborador do fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), o escritor e jornalista católico Plínio Corrêa de Oliveira (conferir verbete "Patriotismo"). Seus argumentos foram propagados dentro e fora dos Estados Unidos. No Brasil, circularam por muitos canais de disseminação do pensamento de direita, como, por exemplo, no livro de Olavo de Carvalho, *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*, de 1994, e *A Verdade Sufocada*, do coronel Brilhante Ustra, publicado em 2006.

### **TRAJETOS MÚLTIPLOS, PORÉM CONVERGENTES**

A trajetória da criação e propagação do “marxismo cultural” é complicada. Ela comporta percursos recentes e longos trajetos. As vertentes ideológicas e as vozes envolvidas são muito heterogêneas, e nem sempre é fácil identificar os nós dessa trama, porque boa parte das autoras e autores que a teceram não cita suas referências. Mas, pesquisas disponíveis sobre o tema já nos oferecem uma narrativa bastante consistente.

Desde os anos 1960-1970, o campo conservador ou de direita vem sendo repaginado. No campo religioso, a manifestação mais conhecida dessa mudança foi a restauração conservadora que aconteceu no catolicismo em reação às reformas definidas pelo Concílio Vaticano II nos anos 1960. Ela se iniciou com a eleição do papa João Paulo II, em 1979, que definiu o resgate “dos valores morais” da igreja como um de seus objetivos. Uma movimentação semelhante ocorreu no evangelismo estadunidense. Em meados dos anos 1970, políticos seculares do Partido Republicano promoveram a confluência entre as igrejas evangélicas mais ortodoxas e setores ultracatólicos em torno do movimento Maioria Moral, coordenado pelo pastor Jerry Falwell.

O objetivo dessa mobilização era restaurar a credibilidade do partido, desgastada pela derrota no Vietnã e pelo escândalo Watergate, que levou à renúncia do presidente Nixon. Para conseguir isso, usaram como alvos a “secularização excessiva e degradação moral da sociedade americana”, pintando com cores assustadoras o

## “Marxismo Cultural”

---

pacifismo, o feminismo e a revolução cultural-sexual dos anos 1960. A partir daí, essas forças investiram cada vez mais sistematicamente na promoção do “conservadorismo cultural”.

Lind, Weyrich e seus parceiros foram, sem dúvida, pioneiros nesses esforços, mas muitos outros personagens contribuíram para essas mobilizações, como o economista Murray Rothbard, que já vinha atualizando e divulgando o pensamento neoliberal e libertário (direita) de autores como Ludwig von Mises e Ayn Rand. As mulheres anticomunistas e antifeministas também foram muito ativas, como Phyllis Schlafly, Anita Bryant, Cristina Hoff-Summers e especialmente a jornalista católica Dale O’Leary, de quem falaremos mais adiante.

Essas correntes ultraconservadoras estadunidenses foram influenciadas por elaborações desenvolvidas na Europa desde os anos 1960. As trocas se deram através de canais acadêmicos e por circuitos ultracatólicos. Na Europa, o Grupo de Pesquisa e Estudo para a Civilização Europeia (GRECE), liderado pelo filósofo francês Alain de Benoist, é a referência mais importante. O GRECE, assim como os autores americanos, também atacou a “rebelião juvenil de 1968” como um sintoma de decadência da cultura ocidental. Mais importante, foi pioneiro na releitura de Gramsci com as lentes do pensamento de direita. Também no Reino Unido, a chamada revolução conservadora de Margareth Thatcher criou um ambiente francamente favorável à renovação do pensamento de direita, sendo Roger Scruton o autor mais conhecido no Brasil.

Mas, se a direita norte-americana estava inteiramente alinhada ao neoliberalismo, certas correntes do pensamento conservador europeu continental criticavam o liberalismo econômico. Além disso, as vertentes da direita europeias não tinham, originalmente, vínculos com o campo religioso. No entanto, nos últimos vinte anos houve muitas sobreposições ou mesmo coalizões entre a extrema direita secular e o campo religioso ultraconservador, que na Europa se situa basicamente no mundo católico.

## **SEDIMENTAÇÃO, RAMIFICAÇÕES, DESDOBRAMENTOS**

Em 1989, William Lind publicou um artigo argumentando que a disputa entre socialismo e capitalismo já não se dava em termos bélicos convencionais, mas sim como “guerra de quarta geração”. O fim da Guerra Fria e da União Soviética teriam dissolvido o que havia sido desde o começo do século o principal inimigo da direita estadunidense. Nessa passagem, Lind, Weyrich e outros autores conservadores fizeram uma leitura sistemática de autores marxistas dedicados a pensar “ideologia”,

## “Marxismo Cultural”

---

como Georg Lukács, Gramsci e autores da Escola de Frankfurt (conferir verbete "Ideologia"). Daí resultou a tese de que, diante da impossibilidade da revolução econômica, as esquerdas haviam se engajado desde os anos 1960 numa guerrilha pela hegemonia cultural. Para tal, estariam mobilizando demandas crescentes em torno de raça, etnia, gênero, migração e meio ambiente. Essa narrativa, que desloca o foco do inimigo externo para inimigos internos, foi posteriormente sintetizada na referida brochura de 2003.

Mas essas ideias já circulavam amplamente antes disso. Como já mencionado, foram propagadas no Brasil por Olavo de Carvalho desde 1994. Em 1997, duas figuras do campo ultracatólico - Dale O’Leary e o monsenhor belga Schooyans - publicaram livros, argumentando que o “feminismo do gênero” ou a “ideologia de gênero” eram farsas ideológicas, encobrendo uma estratégia totalitária marxista ou neomarxista (conferir verbete "Ideologia de Gênero"). Esses livros não usavam o termo “marxismo cultural”, mas anunciavam o que viria depois. Quase vinte anos mais tarde, a fusão entre “ideologia de gênero” e “marxismo cultural” se sedimentou no *Livro Negro da Nova Esquerda*, dos argentinos Agustín Laje e Nicolas Marques. Publicado em 2015, seus argumentos também incorporam vigorosamente a feroz crítica de Ludwig von Mises, um dos pais do neoliberalismo, às vertentes “socialistas” do feminismo.

Embora essas elucubrações tenham o marxismo como alvo principal, também se ramificam em ataques contra as democracias liberais. De acordo com essa linha de interpretação, antes mesmo da ruína do socialismo real, a “revolução cultural marxista” - ou seja, as lutas antirracistas, feministas, ambientais etc. - já haviam contaminado o ideário e o funcionamento das democracias constitucionais. Segundo alguns autores dessa corrente, o “marxismo cultural” penetra, inclusive, o capitalismo de consumo, que valoriza a singularidade pessoal, a pluralidade cultural e a diluição das fronteiras nacionais. Daí vêm os discursos da nova direita contra o “globalismo” e os “globalistas”.

## A “REVOLUÇÃO CONSERVADORA”

Numa das faces do dito “giro gramsciano da direita” estão essas rotas complicadas de criação e propagação das narrativas em torno ao “marxismo cultural”. Na outra face, está o giro político gramsciano propriamente dito. Desde os anos 1970, os ultraconservadores religiosos e a direita secular abandonaram sua postura reacionária clássica, deixando para trás uma posição estática de “contrarrevolução”. Com base nos textos marxistas (que abominam), desenharam estratégias de mobilização política para disputar a memória, o senso comum, os afetos e representações culturais.

## “Marxismo Cultural”

---

Assim como proposto por Gramsci, tais disputas são feitas nos espaços da vida cotidiana, na esfera pública e também nas instituições (conferir verbete "Ideologia"). Essas disputas por hegemonia são definidas pelos atores de direita como “metapolíticas”, pois acontecem à revelia das instituições formais (como partidos, parlamentos e judiciários). Em seus discursos, essas instituições são, com frequência, caricaturadas como o “sistema que deve ser demolido”.

Essas “revoltas conservadoras” acontecem onde há condições democráticas para que elas prosperem, mas seu objetivo de longo prazo é corroer as democracias por dentro. Embora em gestação há muito tempo, a partir dos anos 1990 essa reorganização do campo conservador foi impulsionada pela digitalização da política e o conseqüente surgimento de uma nova esfera pública marcada pela imprevisibilidade. Não só o poder da imprensa tradicional foi reduzido, como a digitalização escancarou as portas para que a comunicação entre líderes políticos e seus eleitorados possam ocorrer sem mediação institucional. Ou seja, entramos na nova era do populismo digital.

### “MARXISMO CULTURAL” NO BRASIL: DO PRESENTE AO PASSADO

No começo dos anos 2000, coincidindo com a chegada da esquerda ao poder, o bordão “ideologia de gênero” chegou ao Brasil por vários canais. Primeiro, pelas mãos de um deputado do PRONA, partido cujo programa se inspirava abertamente nas pautas do integralismo, e um pouco mais tarde pela via de canais católicos (conferir verbete "Ideologia de gênero"). Além disso, na mesma época, segundo os estudos de João César Rocha e Eduardo Costa Pinto, a tese de Lind sobre “marxismo cultural” penetrou o ambiente militar brasileiro através de conexões com o campo estadunidense de estudos estratégicos. Não surpreende que essa narrativa tenha sido bem recebida pelos militares, se pensarmos que uma das justificativas para a instalação do regime militar de 1964-1985 era justamente combater o “inimigo interno”. A mesma retórica também seria vocalizada, com intensidade crescente, por influenciadores da extrema direita, em especial Olavo de Carvalho, que desde a década anterior vociferava contra a revolução cultural.

No começo dos anos 2010, o espantinho da “ideologia de gênero” foi incorporado pelo campo evangélico fundamentalista e, em seguida, usado para atacar gênero na educação e nas ofensivas do Movimento Escola Sem Partido. A partir de 2017, começam a circular no país os argumentos do *Livro Negro da Nova Esquerda*, cuja narrativa inundaria a campanha eleitoral de 2018: “ideologia de gênero” e “marxismo cultural” seriam as duas caras do mesmo projeto comunista que pretendia dominar

## “Marxismo Cultural”

---

o Brasil. E nada impede que essa fórmula e as acusações que mobiliza vão ser usadas novamente nas eleições presidenciais de 2022.

Mas é também interessante voltar no tempo, pois há indícios de que a associação entre “revolução cultural” e marxismo tenha circulado no Brasil muito antes de 1994, quando Carvalho publicou seu livro. Por exemplo, segundo o historiador estadunidense Benjamin Cowan, a colaboração entre Weyrich e Plínio Correia de Oliveira, iniciada nos anos 1960, inaugurou conexões consistentes e de longo prazo entre a direita católica e evangélica nos dois países. Assim sendo, não surpreende que no prefácio da edição estadunidense de 1992 de seu livro mais conhecido, *Revolução e Contra Revolução*, o fundador da TFP tenha mencionado explicitamente a tese de Lind sobre a “guerra da quarta geração”, embora sem citá-lo.

E, retrocedendo um pouco mais, encontramos pistas ainda mais intrigantes no livro *O Conceito Cristão de Democracia*, de Plínio Salgado, um dos mentores principais do integralismo (conferir verbete "Patriotismo"). No livro publicado em 1945, Salgado oculta o ideário fascista que o inspirava nos anos 1930, argumentando que o movimento que liderou teria como fonte de inspiração as doutrinas do cristianismo. Muito significativamente, há no livro um capítulo sobre “neomarxismo” cujo conteúdo não difere muito dos fantasmas que assombram o atual debate político nacional. Uma ilustração disso é a afirmação que os neomarxistas usam conceitos como liberdade de consciência, fraternidade, justiça e integridade da pessoa humana para confundir autoridades e ocultar suas verdadeiras intenções políticas.

O uso do “neomarxismo” para incitar pânico políticos é, portanto, coisa muito antiga no Brasil. Os escritos desses dois autores sugerem inclusive que nosso país pode não ter sido mero receptor das narrativas criadas nos EUA e na Europa desde os anos 1970. São indícios que o pensamento conservador brasileiro pode ter contribuído para a fabricação dessas visões e argumentos. A leitura comparada de suas obras, assim como dos escritos de Carvalho e da literatura internacional de mesmo teor poderá talvez enriquecer a intrincada história de invenção do “marxismo cultural”.

## “Marxismo Cultural”

---

### PARA SABER MAIS

Associação Brasileira de Literatura Comparada (2021). *Lançamento do livro “Guerra Cultural e Retórica do Ódio”, de João Cezar de Castro Rocha* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=WNZmwWpIgrU>

Barros, C. (2020, mai. 28). ‘Quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultural’, diz pesquisador da UERJ. Agência Pública. <https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/>

Cesarino, L. (s.d). *Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil*. <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>

Pedretti, L. (2021, ago. 30). *Os ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura*. Agência Pública. <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/>

Pinto, E. C. (2019, mar.). *Bolsonaro e os quartéis: a loucura com método*. Instituto de Economia – UFRJ. [https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD\\_IE\\_006\\_2019\\_PINTO.pdf](https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD_IE_006_2019_PINTO.pdf)

Rocha, C. (2022, fev. 5). Como Olavo de Carvalho se tornou o pai espiritual de direitistas no Brasil. Folha de S. Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/como-olavo-de-carvalho-se-tornou-o-pai-espiritual-da-direita-brasileira.shtml>

Rocha, J. C. de C. (2021). *Guerra cultural e retórica do ódio*. Caminhos.